

É preciso nova política indigenista

O que a Constituinte poderá fazer por uma das minorias mais oprimidas do Brasil, os índios, donos primeiros de nossa terra e colonizados brutalmente pelos portugueses, obrigando-os a mudança de hábitos e costumes, levando-os a abandonar seu Deus único, Tupá, para abraçarem a ocidental figura de Cristo, que nada lhes diz à alma? Sacrificados, com direito a 5% de nosso território, estão morrendo à mingua, "em situação muito pior do que passamos quando os estrangeiros para cá vieram e nos tomaram tudo, além de nos subjugar, humilhar e torturar", diz o cacique xavante Ariné, especialista em ervas medicinais, e comunicador profundamente revoltado com a situação de seu povo, "pois apesar de sermos de tribos diferentes, continuamos irmãos. Ao menos, enquanto existirmos".

O senhor fala um português perfeito, como aprendeu?

— Meu nome cristão é Manoel Ariné Teixeira do Nascimento, nasci em Xavantina, Mato Grosso Central e lá fiquei até os 13 anos, quando casei, pois quando índio chega à esta idade, é considerado adulto. Fui ajudado pelo projeto Rondon e, quando os navios da Marinha chegavam às margens do rio, para auxiliar os índios, eu me entrosava bem com marinheiros. Como todo xavante, tinha minha canoa, para pescar e produzir

e, por isto, trazia o comandante para a terra, achava bonita a farda dos marinheiros, aquela hierarquia e acabei querido por todos. Mas não queria ir embora até que o comandante falou que tinha conversado com o Ministro da Marinha e ele permitira minha saída. Então me ensinaram a ler, fiquei internado numa escola do Rio Grande do Norte mas não conseguia aprender o português. A partir daí, comecei a sofrer com os marinheiros, que me maltratavam e queimavam com maçarico só porque não entendia o que eles diziam. Todo mundo ria de mim, que, embora protegido por decreto presidencial não tinha guarda. De repente, estudei a carta do ABC e achei difícil, tão diferente do meu guarani natal, parecendo que o português só tinha consoantes. Sem conseguir aprender a falar com o branco fui trabalhar no campo, cortando grama e fazendo jardinagem. Um dia consegui: passei a ler e escrever, a língua foi entrando aos poucos, os conhecimentos se arrumaram na cabeça e pronto. Hoje, sou um cara que fala até demais.

E a troca de nome?

— Fui batizado. Disseram que eu tinha que ser cristão e ganhar novo nome. Mas continuo fiel à religião de meus antepassados. Nós, os índios, não temos medo da vida nem da morte e tampouco acreditamos que

um ser humano possa fazer a cabeça de outro. Cada um deve pedir para si e não tem de rezar pelo próximo. Sabe, nem minha própria mãe pode orar para que eu fique bom de uma doença. Temos um único Deus, Tupá, que representa Jesus Cristo e cuida da gente.

Como está a situação do índio no Brasil?

— Péssima, o índio caminha para o extermínio total e dentro de 10 anos ele não existirá no Brasil, a não ser os que estiverem decididos a resistir, como eu. Sofro pressões e discriminação, por ter, hoje, o privilégio de trabalhar em meios de comunicação. Mas se consegui isto foi graças à minha resistência, pois paguei para ver.

Do que necessitará a Constituinte para manter o índio vivo?

— De eleger índios. Porque esta conversa do pessoal dizer "Ah, Eu adoro índio", "Vou ajudar o índio" e coisa e tal, não dá em nada e, quando o branco sente que queremos superá-lo, nos tira de circulação com a maior rapidez. Há dez anos morreram 936 índios fuzilados por posseiros e fazendeiros, num total de 366 criminosos. Dos mandantes, apenas nove estão presos por não terem bons antecedentes. Isto é totalmente degradante para uma população de 220 mil nativos.

Insisto. O que fazer para que o índio sobreviva?

— O cumprimento do Decreto 6001, mantendo, assim, espaço e cultura para nós, até que seja criado o Estatuto do Índio, para que ele possa se autodirigir. Sem aquela de que somos crianças e tutelados. Esta seria a grande solução.

E a luta entre tribos?

— Índio é sempre irmão e esta história de que guerra é coisa de cinema americano. A realidade é bastante diferente e, desde que os guerreiros se reúnem e exponham suas intenções, tudo termina bem. Importante é não deixar, nunca, suas origens e raízes porque eu, se virar o maior homem do mundo, continuarei, para sempre, a ser um xavante, não adianta.

A discriminação então, é real?

— Vejo as coisas como elas devem ser. Por que a agressão, as ameaças? A mulher lutou pelo seu espaço, ganhou, mas índio ou índia ainda não chegaram lá. A única coisa a dizer favoravelmente ao Governo é que me parece que algo está mudando, apesar de, através de minha experiência pessoal, sentir que há gente que não quer vir debater comigo na televisão ou rádio, dizendo: "Sou diplomado, tenho canudo, não vou conversar com índio esta história de ervas medicinais". Uma emissora de TV me convidou para fazer um programa, que, até hoje não se concretizou. Pois ninguém quis ir. Por favor, me entendam: eu só quero ajudar e deixar que me auxiliem. Sinto até vergonha quando vejo um médico me pedindo para dar um remédio para ela. E isto é verdade, tenho provas lá em casa, cheia de relatórios de doutores me pedindo para dar um jeito em pacientes que não curaram. E depois, na

frente dos outros, dizem que não debatem com índios.

E a preservação da flora e fauna?

— Ah! Isso pode ser assunto de Constituinte, mas índio não tem nada a ver com isto. Por que é que vou fazer movimento contra Angra I, II, III, IV? Não sou comunista, me considero um democrata e não quero nada com movimentos que jamais darão certo.

E Tupá e a mitologia indígena, o que dizem do futuro de seu povo, com ou sem Constituinte?

— O homem destruirá o mundo. Isto está em todas as mitologias: indígena, bíblica e histórias universais. No final, pediremos para morrer e não teremos condições. Já imaginou a humanidade implorando para desistir da vida sem conseguir?

Em que estágio estaria, exatamente, a civilização indígena?

— De um jeito muito mais avançado que qualquer branco possa imaginar. Há séculos conhecemos o bebê de proveta e fazemos inseminação artificial. Mas isto ninguém quer trazer a público e quando digo que já faço isto há muito tempo, todos acham graça. E claro que não temos técnicas avançadas, mas realizamos e conhecemos. Porque família de índio sem filhos não existe e, quando uma mulher não engravida, usamos de todos os métodos para que isto aconteça. Sabemos, desde sempre, que a incompatibilidade biológica é muito natural.

O que poderá fazer a Constituinte para preservar sua cultura?

— Este assunto é muito polêmico, mas, mesmo assim, ela pode ser auxiliada pelos estudiosos, os apaixonados, os que desejam preservar nosso povo e identidade. Mas, se depender de deputados, senadores ou Presidente da República, acaba dando em nada.

Esta solução não seria muito precária e até individualista e restrita?

— Uma nova política indigenista é essencial, isto é, criar um órgão que não voltasse a ser Funai, que não está com nada e não é o que o índio desejaria ter. No entanto, é preciso dar a mão à palmatória, porque se ela não existisse, nós já teríamos acabado. Mas é preciso um órgão mais forte, que trabalhe mesmo e não seja um cabide de empregos para parentes de generais, como tem acontecido até agora. Se ficar assim, jamais sobrará um centavo para o índio. Outra possibilidade que aponto é o cumprimento da legislação indígena, que é parte da Constituição do Brasil Imperial, que deveria ser vendida bem baratinho, nas bancas de jornais, para que todos tomassem conhecimentos de que temos direitos. O absurdo de 7.200 funcionários pagos para administrar 220 mil índios é total e, na época do Império, estávamos liberados de uma série de coisas. Infelizmente, os indígenas não têm conhecimentos grandes sobre seu povo e família. O posseiro vai à suas terras, mata, joga no rio e pronto, ninguém toma conhecimento. Vamos eleger índios que tenham capacidade e possam lutar e preservar uma cultura milenar e tão importante para os brasileiros. (Entrevista a Marl Berg)

ANC 88
Pasta Novembro/86
031

“Uma possibilidade que aponto é o cumprimento da legislação do índio, que é parte da Constituição do Brasil Imperial... O absurdo de 7.200 funcionários pagos para administrar 220 mil índios é total e, na época do Império, estávamos liberados de uma série de coisas... Vamos eleger índios que têm capacidade e possam lutar para preservar nossa cultura”.

CACIQUE ARINÉ

